

Uma crise providencial para FH

GAZETA MERCANTIL

11 DEZ 1997

Clive Freire *

Deus protege o presidente Fernando Henrique. No primeiro ano de seu governo – quando o Congresso, renovado em 60% dos seus membros, ainda era politicamente inocente –, FH desperdiçou uma ótima oportunidade para fazer as reformas administrativa, previdenciária e tributária. Eis que surge, “caindo dos céus”, uma segunda chance, com a crise internacional.

Tais reformas já pareciam definitivamente relegadas ao início do seu (possível) segundo mandato. E são, contudo, essenciais para consolidar o Plano Real, cuja base financeira atual depende inteiramente do câmbio sobrevalorizado e juros excessivos,

prejudicando o crescimento da atividade econômica, do nível de emprego e do bem-estar geral.

Até agora, somente haviam sido coroadas de êxito as reformas econômicas referentes à liberalização e à abertura para o exterior. Embora tenham produzido alguns efeitos em termos de modernização do País e atração de poupança/investimento externo eficiente, precisam ser complementadas para um melhor aproveitamento das potencialidades brasileiras.

A crise internacional oferece uma maravilhosa oportunidade

de FH alterar as bases do Plano Real, saindo do câmbio e juro altos no futuro imediato – e não

dentro de três ou quatro anos, como parecia ser inevitável após a perda da oportunidade política.

Obviamente, os reflexos da crise no País são significativos, mas sem toda essa gravidade que os órgãos

oficiais alardeiam. Bastou o alarme, entretanto, para calar a indústria, o comércio e a agricultura; para mobilizar o Congresso, antes reticente; e para o governo, sem dar tempo ao estudo detalhado e discussão aprofundada, colocar no “pa-



cote da crise” e fazer passar tudo o que deseja.

Bendita ameaça, há de dizer a autoridade financeira, porque lhe permitirá parar de fazer o atual jogo de azar com o câmbio e o juro, solidificando as bases do Plano Real.

Resolvido o problema da dívida interna – dilapidadora dos meios financeiros que deveriam estar a serviço da produção que agrega valor à economia – em pouco tempo poderá ser restabelecido o sistema econômico que, uma vez solto, permitirá ao País voltar a crescer à taxa de 5 a 7% ao ano, sem pressão inflacionária.

Nessa ocasião, a capacidade de poupança interna estará subindo de 15 para 20% a.a. E, como vi-

mos recebendo poupança/investimento externo mais eficiente e em maior quantidade, haverá uma melhora da relação capital/produto – ingredientes essenciais para garantir o desenvolvimento econômico-social sustentado.

Enfim, sai do sufoco o sono dos subordinados imediatos do abençoado presidente. FH já tem tudo que precisa para uma reeleição tranqüila e um próspero segundo mandato, para glória da Nação e do povo (e para desespero das oposições).

Caro presidente, de agnóstico passe a crente e agradeça a Deus esta oportuna e maravilhosa “crise” mundial. ■

* Economista e consultor de empresas multinacionais.